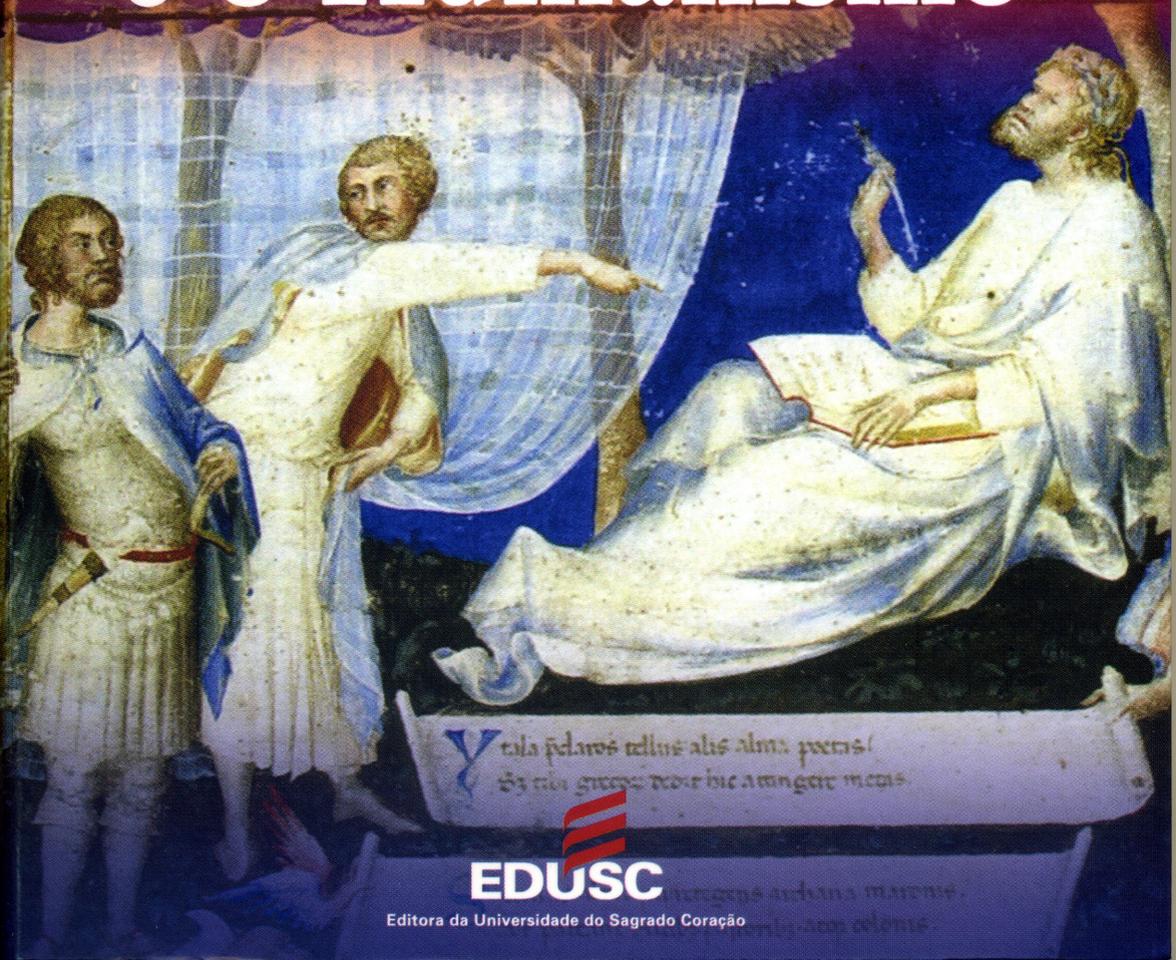


Luís André Nepomuceno

Petrarca e o Humanismo



Petrarca e o Humanismo

Luís André Nepomuceno



Editora da Universidade do Sagrado Coração



UNIPAM
Centro Universitário de Patos de Minas



Editora da Universidade do Sagrado Coração

Rua Irmã Armanda, 10-50
CEP 17011-160 - Bauru - SP
Fone (14) 2107-7111 - Fax (14) 2107-7219
e-mail: edusc@edusc.com.br
www.edusc.com.br

N441p Nepomuceno, Luís André.

Petrarca e o humanismo. / Luís André Nepomuceno. -- Bauru,
SP: Edusc, 2008.
282 p.; 23cm -- (Coleção Signum)

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7460-363-6

1. Petrarca, Francesco 2. Humanismo 3. Literaturas clássicas 4.
Poesia e retórica I. Título II. Série

CDD 300.6

Copyright© EDUSC, 2008

e-mail do autor:
nepomuc@terra.com.br

SUMÁRIO

- 7 Prefácio
- 13 Introdução

Parte 1 Conceituações

- Capítulo 1
- 23 Por um conceito de Humanismo

- Capítulo 2
- 45 A modernidade da História nas raízes do Humanismo

Parte 2 Leituras de Petrarca

- Capítulo 3
- 63 Petrarca faz 700 anos

- Capítulo 4
- 83 A *Collatio laureationis*

- Capítulo 5
- 103 Princípios da contemporaneidade: a carta *Fam. IV 1*

- Capítulo 6
- 117 Da alma e das letras: a eloquência como projeto humanista

Capítulo 7

135 Uma batalha das artes: as *Invective contra medicum*

Capítulo 8

147 Um códice latino de Homero

Parte 3

Recepções de Petrarca

Capítulo 9

193 Identidades construídas: as biografias de Petrarca

Capítulo 10

251 Leitura e recepção de Petrarca no Brasil

269 Referências Bibliográficas

PREFÁCIO

E OUTRAS, E MAIS OUTRAS OBRAS

As minhas obras crescem-me entre as mãos, e outras, e mais outras, vão aparecendo à medida que o tempo vai passando; falando francamente, assusta-me uma tão grande quantidade de projetos, iniciados num espaço de vida tão pequeno.

Res michi equidem inter manus crescunt et subinde alie atque alie adveniunt
abeunte vita, verumque si fateri oportet, terret me tanta ceptorum moles in tam
parva vite área.

(Petrarca, *Fam.* 19.16.5)

As obras de Francesco Petrarca (1304-1374) estendem-se por territórios extremamente vastos, a ponto de o próprio poeta se sentir intimidado com sua incidência projectual — *e outras, e mais outras, vão aparecendo à medida que o tempo vai passando*. O Professor Luís André Nepomuceno estuda, neste livro, uma dimensão desse labor que é, efetivamente, menos conhecida, a do escritor neolatino.

Petrarca e o Humanismo, fruto de um projeto de Pós-Doutoramento desenvolvido no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, sob coordenação da Professora Suzi Frankl Sperber, coroa uma carreira acadêmica que passou pela graduação em Letras na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Patos de Minas, pelo Mestrado em Teoria e História Literária na Universidade Estadual de Campinas, com a tese *Da consciência lírica na Marília de Dirceu* (1995), e pelo Doutoramento em Teoria e História Literária na Universidade Estadual de Campinas, com a tese *A musa*

desnuda e o poeta tímido. O petrarquismo cortesão na Arcádia Brasileira (2000). Atualmente Professor do Centro Universitário de Patos de Minas, Luís André Nepomuceno mantém intensos contatos com vários centros universitários do Brasil, da América e da Europa.

Ao longo desse percurso, Petrarca e o petrarquismo têm vindo a ser um *leitmotiv* de suas pesquisas. Os ensaios que agora são seletivamente reunidos em volume detêm-se sobre a exploração de um conjunto de temas essenciais para a compreensão da atividade do escritor italiano, que é também acompanhada por um balanço crítico dos estudos que lhe têm vindo a ser dedicados. Embora a maior parte dos trabalhos tenha nascido de circunstâncias específicas ou na decorrência de convites dirigidos ao autor, no Brasil e em Portugal, para a participação em colóquios ou para a colaboração em revistas, sua organização em volume revela uma surpreendente unidade, tanto pela articulação teórica e metodológica, como pela forma como se encontra organizada a matéria crítica.

A repartição de *Petrarca e o Humanismo* em três grandes seções em que são alinhados, no seu conjunto, dez ensaios, consagra um plano de trabalho que, depois de explorar e dilucidar os conceitos de Humanismo e Renascimento (I. Conceituações), aprofunda aspectos nodais da obra de Petrarca (II. Leituras petrarquianas), passando a considerar, por fim, sua recepção, no plano internacional e no Brasil (III. Recepções de Petrarca).

A discussão das categorias de Humanismo e Renascimento é, sem dúvida, um modo incisivo de iniciar a abordagem. Petrarca viveu entre duas épocas e, considerando as reflexões que registrou no tratado *Rerum memorandarum libri*, teria tido certa consciência da viragem que estava em vias de se operar. Confessa encontrar-se entre duas temporalidades, de forma a poder olhar, simultaneamente, para trás e para frente — *in confinio duorum populorum constitutus ac simul ante retroque prospiciens*. O mundo que está em vias de se dissolver corresponde ao período que hoje é designado como Idade Média, ao passo que o novo horizonte que entrevê envolve um complexo núcleo de questões, ao qual se dedicou de alma e coração, durante toda a sua vida. Apesar da habitual designação deste horizonte como Humanismo e Renascimento, estes conceitos estão sujeitos a várias flutuações críticas e, mais recentemente, a voga pós-moderna tem vindo a questionar, não raro com acutilância, sua razão de ser. É a partir de uma sólida fundamentação que Luís André Nepomuceno mostra que não é a centralidade do homem no

universo, por si só, a definir o Humanismo, mas antes “o postulado de que o homem deve ser capaz de propor um olhar subjetivo que altere a ordem estática do mundo ético e cosmológico”. Em causa, está um processo de evolução histórica que encontra em Petrarca o seu mais destacado protagonista. De fato, Petrarca é não só o poeta do sentimento da natureza, como também do sentimento do tempo, para utilizar a célebre expressão de Ungaretti. Na pintura, é necessário esperar por Piero della Francesca, Merlozzo da Forlì e Masaccio para, no século 15, ver aplicadas as leis da perspectiva. Contudo, já no século anterior, Petrarca descobrira um outro domínio perspéctico, o temporal, graças ao longo alcance desse seu olhar subjetivo, capaz de rever uma ordem estática. Bem o mostra a recomposição que operou das *Décadas* de Tito Lívio, cujos fragmentos eram bem conhecidos, sem que nenhum letrado os tivesse conseguido ordenar de forma coerente, ou por não deter conhecimentos suficientes da história antiga de Roma, ou por não dominar as estruturas da concatenação temporal. Esse trabalho de recomposição filológica fixou a ordem da obra do historiador romano, conforme continua, hoje, a ser reconhecida. Contudo, como justamente o assinala o autor deste livro, foi tão só “com a crítica do século 20 e com a difusão dos métodos de historiografia literária é filologia que se descobriu a modernidade de Petrarca”. De fato, seus escritos são o documento vivo do caminho percorrido, em direção à modernidade, pelo qual se deverá guiar o estudioso que queira captar o sentido dessa descoberta.

Para o explicitar, a segunda seção de *Petrarca e o Humanismo* centra-se sobre um conjunto de textos criteriosamente escolhidos. A seleção erige-se, à partida, em garantia da análise crítica: a *Collatio laureationis*, as epístolas, em particular as *Familiares* IV 1 e I 9, as *Invective contra medicum* e as apostilhas a Homero.

Para uma compreensão da poética de Petrarca, a *Collatio laureationis* oferece-se, sem dúvida, como grande documento daquela atitude de busca e recuperação de uma verdade suprema, a ser descoberta e conquistada, que serve de fio condutor a todo o seu magistério. Desta feita, o escritor partilha da condição de teólogo, ao perscrutar os aspectos mais recônditos de quanto se esconde sob a face das coisas. Sem pretender ser uma defesa da poesia, *tout court*, nela se apresentam os motivos que levam à coroação e à glória poética, a *laureatio*. Por conseguinte, seu texto oferece também a chave interpretativa, manejada pelo próprio Petrarca, ao modelar esse mito central da sua obra, o

mito de Apolo e Dafne. Dafne, a ninfa transformada em loureiro para todo o sempre, como forma de escapar à fúria de Apolo, é um nome cujo étimo grego significa, precisamente, louro. Com a metamorfose da belíssima ninfa Dafne em loureiro, Apolo, que é o seu amante, perde-a para sempre. Bem sabe que nunca a poderá ter entre seus braços. Na impossibilidade de possuir o objeto de desejo, não lhe resta se não cantá-lo, com a sua lira e com os seus versos. A sua conquista será outra, a do patrimônio que é a poesia, que lhe permitirá ser coroado com outros louros, os louros da glória, ou seja, a *laureatio*.

Para o criador de *uma tão grande quantidade de projetos, iniciados num espaço de vida tão pequeno*, a revisão e sistematização dos escritos que iam saindo do seu cálamo foi também uma modalidade, quando não uma necessidade, de delimitar o espaço da sua inscrição literária, para utilizar a expressão cunhada pelos estudos culturais. As suas recolhas epistolares são as primeiras grandes compilações do Humanismo organizadas com intenções literárias. Aliás, esse projeto é, por si, um projeto literário. A acalantar a ideia, a descoberta, em 1345, na Biblioteca Capitular de Verona, das cartas de Cícero *Ad Atticum*. Essa mesma vocação para fazer, do fragmento, livro, subjaz ao plano organizativo dos *Rerum vulgarium fragmenta*, a compilação dos seus poemas em vulgar. Deu-lhe um título latino, mas ficou conhecida como *Canzoniere*, o Cancioneiro, por antonomásia. Tanto a compilação das suas cartas, como a dos seus poemas, criou modelos organizativos que depois foram imitados pelos seus seguidores.

O impacto das epístolas de Petrarca, no universo do Humanismo e do Renascimento, é bem ilustrado pela carta em que descreve a subida ao monte Ventoux, dirigida a Dionigi da Borgo San Sepolcro, da Ordem de santo Agostinho. Trata-se da pedra-angular de uma projeção bidirecional. Por um lado, este texto foi uma via essencial para a recuperação do pensamento de santo Agostinho, nos alvares do Humanismo. Por outro lado, para os humanistas dos séculos seguintes, suas páginas abriram as vias da conciliação entre o cristianismo e o pensamento da Antiguidade clássica, através da linha que, de Platão, conduz a santo Agostinho. A *Familiare IV 1* é um texto saturado de tempo e uma das melhores formas de captar essa dialética é a análise do modo como se abre à *contemporaneidade*, como carrega em si o seu tempo, *cum tempus*, que é o ponto de partida de Luís André Nepomuceno. A redação da epístola foi objeto de sucessivas remodelações, pelo que só com grande ingenuidade poderia ser entendida como relato factual de uma efetiva subida ao

famoso monte dos Alpes. A letra faz a voz que a diz e o horizonte do público que a entende, através de um processo que traz para primeiro plano o valor da eloquência:

Apesar de o tema da eloquência sulcar, transversalmente, toda a obra do humanista, a carta *Familiare* I 9, sucessivo objeto de estudo, é um dos textos em que mais especificamente se debruça sobre um assunto fundamental para a reflexão retoricista. A palavra é um modo através do qual o homem se pode aproximar de Deus, pode-se aperfeiçoar e se pode conhecer melhor a si próprio. Mas carrega também, dentro de si, interrogativos, incertezas e dúvidas que exprimem uma dimensão verdadeiramente humana. É o instrumento que, ao proporcionar o conhecimento interior, socrático, abre a mente à possibilidade de correção, no sentido de um aperfeiçoamento cristão. Para isso, mostra-se absolutamente necessário o reconhecimento de limites e fraquezas que são, afinal, verdades profundas do humano. É assim que a personagem do *Secretum* chamada, sintomaticamente, Franciscus, depois de analisar todas as suas faltas, termina este diálogo assumindo a intenção de recolher os fragmentos dispersos da sua alma — *sparsa anime fragmenta recolligam*. A linguagem da eloquência é o instrumento por meio do qual o homem inscreve sua interioridade e projeta a remissão do erro.

Petrarca conferia à palavra uma incidência preponderante, na exploração e na configuração da interioridade. Consequentemente, a repartição dos saberes entre artes mecânicas e artes liberais, de acordo com a concepção que vigorava no sistema medieval, não poderia deixar de lhe inspirar considerações penetrantes, quando não mordazes. As *Invective contra medicum* e, em particular, *De sui ipsius et moltorum ignorantia*, ofereceram-lhe ocasião para explanar suas concepções não só acerca da relação entre artes liberais e artes mecânicas, como também acerca da esfera de intervenção de cada um destes domínios. A filosofia natural, que compreendia a matemática, a medicina, a astronomia, etc., é absolutamente subalternizada perante a filosofia moral, que incluía o direito e as letras. Para o humanista, é a filosofia moral que reconduz à essência da interioridade, numa dimensão perfectiva de aspirações edificantes. Desse modo, mediante um discurso eivado por uma intensa eficácia retórica, demonstra que a poesia é a mais importante das artes.

A terminar esta seção, a incursão que é feita na oficina de Petrarca, para analisá-las suas anotações a Homero, em particular à *Ilíada*, conduz-nos ao

espaço mais íntimo do seu *scriptorium*. Na verdade, a biblioteca de Petrarca é um espelho fiel do universo literário em que se movia e da forma como foi construindo o seu ideário estético, entre permanências e inovações, num incessante movimento de transmissão, de transposição e de tradução, que do passado se estende ao presente e projeta o futuro. A tradução, que é objeto de suas apostilhas, fora elaborada a partir do grego, língua que Petrarca não conhecia, para latim, por Leôncio Pilatos, um monge do Sul da Itália de cultura bizantina. O étimo latino da palavra *tradução*, *traductionem* (*traductio*; *-onis*), é próximo do de outras palavras que referem um movimento de transmissão, como *tradictionem* (*tradictio*, *-onis*). O foco é dirigido, em qualquer dos casos, para o que se traz, mantém-se e se acrescenta. As anotações à *traductio* da *Iliada* oferecem, pois, a Petrarca, um terreno fértil para a exploração das grandes questões implicadas pela *traditio* daquele que é considerado o mais antigo texto da cultura greco-latina. O modo como analisa a *discordia* filológica e interpretativa ilustra bem aquele olhar subjetivo justamente considerado, por Luís André Nepomuceno, fulcro do Humanismo. A tradução dinamiza a transmissão, elevando-a potencialmente. Desdobra-se no cuidado com que as apostilhas foram transcritas, em alinhamento geométrico, no objetivo de facilitar a sua leitura a quem viesse a manejar tão raro manuscrito.

Para ilustrar os canais desse sistema de reprodução e transmissão do classicismo, nada melhor do que a última seção do livro, dedicada ao legado de Petrarca, desde séculos remotos até aos nossos dias. Sobressai, em suas páginas, o conhecimento que do percurso intelectual de Petrarca é detido pelo autor de *Petrarca e o Humanismo*, aliás, também tradutor, para português, de *Vida de Petrarca*, escrito por Ugo Dotti (2006).

Esta apresentação de uma obra e de um autor que tem lugar firmado no panorama crítico apenas pretende chamar a atenção para o alto significado do seu contributo. Trilhando vias pouco frequentadas, o Professor Luís André Nepomuceno mostra, de modo incisivo, como foi *tão grande a quantidade de projetos, iniciados num espaço de vida tão pequeno*. Na realidade, um espaço que, para nós, pósteros, é imenso.

Rita Marnoto
Instituto de Estudos Italianos
Universidade de Coimbra

INTRODUÇÃO

Este livro nasceu de um projeto de pós-doutoramento encaminhado ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, em 2003. Em seus objetivos iniciais, dentre outros de caráter mais especificamente teóricos, havia a intenção de divulgar, no Brasil, a obra de Francesco Petrarca, humanista e poeta tão influente na história do pensamento ocidental, tão determinante na tradição lírica da poesia brasileira, mas, ao mesmo tempo, tão pouco conhecido de nosso público leitor e pesquisador. A escassez de trabalhos editados no Brasil sobre Petrarca, bem como de edições de sua obra, mostrava um campo de estudos inteiramente aberto e profícuo, capaz de explicar até mesmo as inovações e as complexidades da linguagem moderna. Para isso, a análise do epistolário petrarquiano (cartas *Familiars* e *Senis*), como modelo de estoicismo e retórica humanista, e da poesia (*Canzoniere*), como releitura da confissão agostiniana, também pelo prisma estóico e retórico, ainda mostra que é possível elucidar elementos fundamentais do nascimento do Humanismo e da linguagem moderna, ao mesmo tempo em que possibilita a renovação de uma compreensão mais límpida sobre Petrarca, tão idealizado e mitificado por críticos românticos.

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, fui reunindo conferências e artigos e distribuindo as temáticas conforme um plano geral que bem aos poucos vinha nascendo. Havia pensado inicialmente em definir uma temática única, que pudesse conceber momentos da obra de Petrarca, em que o humanista se punha a reconstruir a própria autobiografia, em projeto consciente que teria

surgido a partir de 1350,¹ e para isso, havia selecionado um *corpus* literário específico supostamente identificado com a temática eleita. No entanto, o volume de leituras e de novas notícias sobre o humanista, em pesquisas recentes, sobretudo na Itália (nesse meio tempo, Petrarca fez 700 anos de nascimento em 2004), levou-me a caminhos diversos, e os temas petrarquianos foram por mim concebidos à medida que sua grandiosa obra foi traçada e vislumbrada, num imenso painel de interesses modernos. Percebi que, diante da escassez de referências sobre o autor no Brasil, era preciso desmembrar esses interesses e propor possibilidades múltiplas, em que informações mais básicas e, de certa forma, mais substanciais sobre sua obra latina (ainda pouco investigada do lado de cá do Atlântico) pudessem ser avaliadas separadamente e oferecidas, conforme necessidades que surgiam. Mais que desenvolver o projeto inicial de compreensão do programa autobiográfico de Petrarca (perceptível em obras como o *Secretum*, o *Canzoniere*, o epistolário latino em prosa e poesia), era urgente que se oferecesse aos leitores um corpo robusto de notícias sobre sua obra, em sua imensa maioria inédita em língua portuguesa. Enfim, o projeto inicial não poderia coroar um trabalho que ainda não havia sido feito.

Propus-me, portanto, a uma leitura minuciosa de sua obra como um todo, numa revisão atenta de cada um de seus livros, e selecionei aquilo que me pareceu mais prontamente interessante para a discussão de modelos estéticos que se firmaram com o Humanismo e que foram disseminados pelo mundo moderno. O resultado é a organização desta coletânea, que inclui artigos publicados no Brasil e no exterior; palestras apresentadas em reuniões científicas, nos últimos quatro anos, portanto desde 2003, quando havia sido acolhido pela Unicamp, para participação no programa de pós-doutoramento; e, por fim, textos inéditos. Ressalto que os artigos já publicados foram aqui atualizados e razoavelmente ampliados por referências bibliográficas mais recentes.

Um dos pontos fundamentais desta reunião de ensaios, portanto, é sua capacidade de dialogar com os problemas da contemporaneidade, uma vez que muitas das questões levantadas pelo próprio Petrarca ainda se colocam como discussão contemporânea, como a íntima relação entre a linguagem e a articu-

1 O projeto autobiográfico de Petrarca, concebido por volta de 1350, está referido em SANTAGATA, Marco. *I frammenti dell'anima: storia e racconto nel Canzoniere di Petrarca*. Bolõgna: Il Mulino, 1992.

lação da subjetividade, que se tornou elemento-chave da literatura moderna. Uma pesquisa dessa natureza é o mínimo que pode ser feito hoje, no Brasil, para sanar nossa imensa deficiência de compreensão sobre o poeta e tratadista, sobretudo agora, quando já se comemoraram os 700 anos de nascimento daquele que propôs a renovação da linguagem e do pensamento no alvorecer do Humanismo. Afinal, a visão de Petrarca que tem o Brasil estagnou-se numa perspectiva semelhante à da Itália e da Europa oitocentista, que por décadas (tomando-se inicialmente o século 19), só pode compreender o significado do poeta *volgare*, imerso na melancolia e refém de um sentimentalismo e de um amor platônico por uma dama aos modos do estilovismo e dos trovadores. Ricci,² em ensaio da década de 1970, evidenciou que a crítica petrarquiana do século 20 estabeleceu critérios históricos e filológicos bem mais contundentes, no sentido de recuperar os tratados latinos de Petrarca, bem como a imensa obra epistolar e outras obras menores, restabelecendo o sentido desses textos num contexto específico do *Trecento*, às voltas com as revoluções promovidas pelo Humanismo. Numa nítida ruptura conceitual e metodológica com os românticos (Foscolo, De Sanctis, Carducci), a moderna crítica filológica e historicista (inicialmente com Fracassetti, Pierre de Nolhac e Arnaldo Foresti) reformulou conceitos, redimensionando a atividade filológica, o significado histórico-cultural e a dimensão linguística e retórica do texto petrarquiano, abrindo espaço para as conquistas da crítica recente, que encontra seus modelos em Ernest Wilkins, Giuseppe Billanovich, Guido Martellotti, P. G. Ricci e Ugo Dotti.

A fascinante ideia de Eugenio Garin de que a filosofia do Humanismo nasceu como uma espécie de “antifilosofia”, em oposição à dogmática medieval,³ parece ter levado a reflexões estimulantes sobre o próprio significado do Humanismo hoje, na medida em que o olhar humanista sobre o mundo moderno já não é mais o fervor da retórica e da investigação dos *studia humanitatis* do século 14, mas a compreensão e a expressão de um universo humano diferenciado, em que a identidade humana não seja apenas o ponto central do

2 RICCI, Pier Giorgio. *Miscellanea petrarchesca*. Edição de Monica Berté. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1999. p. 161 et seq.

3 GARIN, Eugenio. *Idade Média e Renascimento*. Tradução de Isabel Tereza Santos e Hussein S. Shooja. Lisboa: Estampa, 1994. p. 42.

olhar sobre o mundo, mas o sujeito de sua história. A vanguarda humanista surgida com o círculo de Avignon, com Petrarca e com seus admiradores dos círculos de Florença (Boccaccio, Coluccio Salutati, Francesco Nelli) e de Pádua, ofereceu à intelectualidade ocidental não apenas o projeto de reconstrução da História, mas sobretudo a possibilidade de projeção desse mesmo sujeito *na* História. Em outros termos, os *studia humanitatis* conceberam a ideia efetiva de que o homem é capaz de alterar o sentido do universo – pensado pela Idade Média como máquina estática e imutável – e promover-lhe sentidos múltiplos, a partir dos mais diversos olhares subjetivados pela experiência poética e pela mística religiosa.

Sabe-se que alguns dos textos latinos em prosa mais significativos de Petrarca, como as polêmicas invectivas, discutiram amplamente o papel do poeta e do intelectual – embora de forma não sistematizada – e sua inserção na sociedade civil, rompendo com modelos eclesiásticos e, sobretudo, com o discurso do cientificismo escolástico e do nominalismo teológico que invadiu as universidades da Europa nos séculos 13 e 14. Partindo justamente da inserção de Petrarca nessas discussões, este livro procura discutir não a sistematização, mas o traçado consciente do poeta e filósofo moral, que recuperou, com trabalhos de filologia, a clássica concepção de linguagem dos antigos prosadores latinos, ao mesmo tempo em que propôs, para a modernidade, a instituição de uma linguagem voltada à retratação das virtudes e da alma humana.⁴ Textos como a *Collatio Laureationis*, o *De sui ipsius et multorum ignorantia* ou a *Invectiva contra medicum* atestam a filiação clássica de Petrarca e estabelecem suas relações polêmicas com a intelectualidade medieval e, acima de tudo, definem limites para discussões modernas sobre o papel da literatura, do pensamento e da linguagem.

Grande parte das recentes descobertas sobre Petrarca tem partido de um método filológico de análise criteriosa de documentos, códices e fatos biográficos, que elucidaram compreensões até então inimagináveis, sobretudo sobre a obra latina petrarquiana. Mas, a julgar pelas constantes relações e pelos diálogos de Petrarca com as instituições e forças políticas de sua época, a inserção de sua obra no universo dos conflitos subjacentes a seu tempo é necessidade im-

4 ZACCAGNINI, Giuseppe M. *Petrarca fra medioevo e umanesimo: l'esperienza letteraria della parola*. New York: Garland Publishing, Inc., 1991. p. 92.

periosa, considerando-se que a filosofia “antifilosófica” do Humanismo, e especificamente do próprio Petrarca (conforme já se disse), estimulou uma relação íntima entre as letras e o mundo civil, entre o intelectual e o espaço das relações públicas, realidade que se tornaria mais visível nas cortes renascentistas.

Milhares de páginas, especialmente da crítica italiana, já foram escritas sobre o “primeiro moderno”, mas, dada a vastidão de seu programa literário, é curioso que muito ainda exista para ser dito. A percepção crítica sobre fenômenos estéticos é sempre móvel, adaptável a circunstâncias do tempo e do espaço. O Petrarca que nos interessa talvez não seja exatamente o Petrarca das investigações europeias, especialmente quando lembramos que a poesia italiana do cantor de Laura nos chegou, em larga medida, pelo olhar de Camões e de uns outros que poetaram no Brasil, desde as primeiras manifestações barrocas. De qualquer forma, o Petrarca que aqui se vê é o filósofo moral, o tratadista e o epistológrafo latino, bem mais do que o poeta italiano. Negligenciei propositadamente uma análise das rimas em vernáculo estampadas no *Canzoniere*, como forma de buscar uma face ainda pouco lembrada do humanista, pelo menos em terras brasileiras. É justamente nas cartas, nos escritos polêmicos e nos tratados que Petrarca irá revelar, de forma mais consciente, seu projeto humanista; e este será igualmente o projeto deste livro: refazer o percurso das discussões propriamente humanistas pontuadas em algumas de suas obras. É o momento em que o literato convive com o teórico, é o momento que o poeta se reveste da formulação conceitual.

Para uma visualização mais pedagógica da obra petrarquiana, dividi em partes o conjunto dos ensaios aqui reproduzidos, de tal forma a se perceber, inicialmente, um painel mais amplo sobre os estudos humanistas, inclusive, com a pretensão de definir o termo e as concepções que lhe são agregadas; posteriormente, uma exposição interpretativa de obras escolhidas de Petrarca, em geral aquelas que se vêem mais íntimas da discussão teórica do Humanismo; e, por fim, um quadro breve de proposições inerentes à recepção da obra petrarquiana.

Suponho ser obrigação minha esclarecer que o título desta coletânea paga enorme tributo ao livro homônimo de Pierre de Nolhac, *Pétrarque et l'Humanisme* (1907), a meu ver, o primeiro grande trabalho moderno de filologia que rastreou, nas bibliotecas da França e da Itália, grande parte do acervo petrarquiano, dentre códices que pertenceram ao poeta e que foram premiados

com *marginalia*, propondo assim o primeiro mapa de leituras e manuscritos do humanista. Ressaltava Pierre de Nolhac, em prefácio da primeira edição, dedicado ao famoso historiador Gaston Paris (então presidente da École Pratique des Hautes Études) que as pesquisas eruditas comportam uma parte de sentimento, e que o próprio envolvimento com Petrarca trazia-lhe uma verdadeira afeição por ele, como ele também sentira pelos autores antigos da latinidade.⁵ Sem contestar inteiramente as proposições “sentimentais” de Nolhac, mas sem esquecer que a pesquisa científica deve exigir ao mesmo tempo uma postura inequivocamente imparcial (o que me fez perceber, por exemplo, certas incoerências e contradições na obra de Petrarca), resalto que no olhar moderno sobre o Humanismo há um espaço para a sedução do antigo sobre o moderno, e em especial, para uma revitalização desse antigo, que se torna ele mesmo tão moderno quanto a contemporaneidade. Algumas lições humanistas, ainda hoje, parecem-me indispensáveis para as relações humanas, para a reconstrução de ideais pedagógicos, estéticos e morais, mas, para se pensar isso, é preciso compreender o passado, sem o qual não se pode ao menos pensar o significado do presente.

Gostaria de esclarecer ainda que, como as edições do epistolário petrarquiano são muitas, desde as edições (latina e italiana) de Fracassetti, consultei todas elas em casos especiais de dúvida. A clássica edição latina de Vittorio Rossi (1933) das *Familiars (Fam.)*, republicada em 1997, ainda é a referência mais importante, mas devo dizer que me vali da edição americana de Aldo Bernardo (*Letters on familiar letters e Letters of old age*) e da recente edição francesa (*Lettres familières e Lettres de la vieillesse*). Nos casos de citação de trechos das cartas aqui referidas, apresentei uma tradução própria, conforme cotejo das edições mencionadas, sem me ater a nenhuma delas em especial.

5 “Vous le savez en effect mieux que personne, cher Président, les recherches d’érudition comportent une part, quelquefois grande, de sentiment. Cette part ici ne pouvait être médiocre. Quiconque s’est occupé longuement de Pétrarque et a pénétré dans l’intimité de son génie lui demeure lié par une véritable affection, qui traverse les siècles pour aller à lui, comme faisait la sienne pour les Anciens. Le grand poète humaniste, si voisin de notre siècle par son esprit, si semblable à nous par ses faiblesses, exerce sur qui l’approche une séduction à laquelle on ne résiste pas” (NOLHAC, Pierre de. *Pétrarque et l’Humanisme*. Nouvelle édition, rémaniée et augmentée. Paris: Librairie Honoré Champion, 1965 [1. ed. 1907]. v. 1, p. v).

Por fim, quero agradecer a todos aqueles que me ajudaram, de uma forma ou de outra, nesse processo penoso e gratificante dos últimos anos: ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp, em especial à Prof.^a Suzi Sperber, pelas intervenções que levaram à minha acolhida junto à Universidade; à Prof.^a Rita Marnoto, do Centro de Estudos Italianos da Universidade de Coimbra, pelos constantes diálogos; ao Prof. Manuel Cadafaz de Matos, do Centro de Estudos de História do Livro e da Edição, de Lisboa, pela confiança em meu trabalho e pelas oportunidades de publicação na Revista do CEHLE; à Prof.^a Judith Bryce, da University of Bristol, pela gentileza no envio de textos; à Prof.^a Claire Williams, da University of Liverpool, que me indicou Dominic Gourd, para versão de textos para o inglês; à Prof.^a Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha, pela leitura e sugestões no projeto inicial; à Prof.^a Enivalda Nunes Freitas e Souza, pelo convite para um curso sobre Petrarca, na Universidade Federal de Uberlândia; aos professores Lívio Soares de Medeiros e Terezinha Nepomuceno, que leram originais de ensaios; ao Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM), pelo incentivo na publicação do livro *Vida de Petrarca*, de Ugo Dotti (Campinas: Editora da Unicamp, 2006), que traduzi enquanto desenvolvia minhas pesquisas sobre Petrarca; e, por fim, aos familiares que me incentivaram e à minha mulher Nara, que compreendeu com paciência as minhas ausências necessárias a um trabalho como este.